

## **Aula 002 – Capítulo 2 – Rute 2:1-23**

### **1 Tinha Noemi um parente de seu marido, senhor de muitos bens, da família de Elimeleque, o qual se chamava Boaz.**

É apresentado um novo personagem, cujo verdadeiro aparecimento vem mais tarde. Mais especialmente, o novo personagem era parente de Noemi através de seu esposo. Tendo em vista a referência à família de Elimeleque que segue, esta expressão sugere que ela chegou a conhecê-lo por meio do casamento com seu esposo. Além do mais, o amigo era pessoa rica, influente.

Além de influente, o homem era também do mesmo clã que Elimeleque. O clã consistia de famílias que descenderam de um ancestral comum e era o único grupo mais importante na sociedade israelita. Os clãs desfrutavam da posse inalienável de terras específicas (Js 13.17).

A mera apresentação deste personagem, no entanto, não garante seu envolvimento na história. É óbvio que será uma figura marcante. Precisamente como ele ficaria envolvido, permanece em aberto. É significativo que a menção dele fornece aos ouvintes alguma informação que não é percebida nem mesmo pelos personagens principais.

### **2 Rute, a moabita, disse a Noemi: Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas atrás daquele que me favorecer. Ela lhe disse: Vai, minha filha!**

Rute fez um pronunciamento inesperado: Eu vou aos campos. A fala sugere que praticamente nenhum tempo se passara desde que Noemi e Rute chegaram. Portanto, Rute dispensava qualquer recuperação da viagem, a fim de aproveitar a curta estação de colheita.

Os fazendeiros israelitas podiam ser o meio de haver provisão, mas o grande e misericordioso dono das terras era o real benfeitor generoso dos pobres, o próprio Deus. Infelizmente, donos e ceifeiros avaros provavelmente obstruíam muitas vezes os esforços de respigadores, ridicularizando-os, enganando-os e às vezes expulsando-os diretamente. Entenda que os ceifeiros prudentes trabalhavam cuidadosamente e o que caía no chão só dava para viver em nível de mera sobrevivência, muito como viver só reciclando latas de alumínio hoje. Rute parece que pretendia pedir permissão antes de colher. E só trabalharia atrás de qualquer pessoa em cujos olhos eu encontrar favor. Seu êxito dependeria da boa vontade do dono do campo ou de seus ceifeiros. Noemi concordou: Vá em frente, minha filha. Para uma pessoa antes amargurada, Noemi concorda e foi até afetuosa (minha filha). Inesperadamente, ela nem avisou Rute de perigos iminentes nem lhe desejou boa sorte.

### **3 Ela se foi, chegou ao campo e apanhava após os segadores; por casualidade entrou na parte que pertencia a Boaz, o qual era da família de Elimeleque.**

Rute teve um golpe de “sorte” surpreendente naquele dia, e se encontra exatamente no campo da família de Elimeleque. Na verdade Deus havia guiado os passos de Rute cuidadosamente ao local exato. Justamente por isso, os crentes hoje fariam bem se observassem com maior atenção os ‘acidentes’ similares; talvez pudessem achar a mesma mão divina operando.

### **4 Eis que Boaz veio de Belém e disse aos segadores: O SENHOR seja convosco! Responderam-lhe eles: O SENHOR te abençoe!**

Surpresa! Coincidência seguiu a coincidência: Um pouco mais tarde Boaz chegou e colocou o perto de Rute. Por isso, para todos os efeitos, a boa sorte de Rute teve uma dimensão a mais: não só lhe aconteceu parar no campo de Boaz como foi na hora certa também!

Quanto a Boaz, sua visita presumivelmente foi para inspecionar o progresso da colheita. Embora espalhados através do campo, os trabalhadores o reconheceriam depressa. Com um aceno da mão erguida, ele lhes dava uma saudação amigável simples. Que Deus esteja com vocês! Visto que os israelitas normalmente se saudavam com um simples shalom, esta fórmula: O SENHOR te abençoe,

pode ter sido uma saudação especial dada na época da colheita. Seu alvo era encorajar os trabalhadores dizendo que Deus estava presente “com eles”, abençoando seu trabalho.

**5 Depois, perguntou Boaz ao servo encarregado dos segadores: De quem é esta moça?**

Boaz simplesmente verificava o andamento das coisas, incentivava seus trabalhadores e seguia seu caminho. Algo chamou sua atenção, contudo, e o fez pausar. Ele dirigiu uma pergunta a seu encarregado: A quem esta jovem senhora pertence?

O homem conhece todas as jovens que trabalham para ele, visto que ele mesmo as contrata. Não reconhecendo a que se acha ali perto, ele pergunta quem era seu empregador.

**6 Respondeu-lhe o servo: Esta é a moça moabita que veio com Noemi da terra de Moabe.**

A breve pergunta de Boaz trouxe uma resposta longa e detalhada do encarregado. O encarregado explicou que Rute a uma jovem moabita que voltou com Noemi do país de Moabe. Além de sua identidade étnica, Rute era mais conhecida por sua associação com Noemi e a volta desta a Belém.

**7 Disse-me ela: Deixa-me rebuscar espigas e ajuntá-las entre as gavelas após os segadores. Assim, ela veio; desde pela manhã até agora está aqui, menos um pouco que esteve na choça.**

O encarregado em seguida relatou uma declaração que Rute lhe fez quando chegou ao campo. Rute se apresenta como uma mulher ousada e estaria pedindo algo um tanto ousado, a saber, rebuscar não só entre os pés no campo, mas entre os montes de espigas já ceifadas.

Portanto, o ponto que o capataz transmitia é que Rute fez sua pergunta e então ficou ali esperando por uma resposta a seu pedido de permissão, pois aparentemente ou ele o recusou ou não tinha autoridade para concedê-lo.

**8 Então, disse Boaz a Rute: Ouve, filha minha, não vás colher em outro campo, nem tampouco passes daqui; porém aqui ficarás com as minhas servas.**

Boaz se dirigiu a Rute com a ternura (e distância apropriada) de um pai falando com sua jovem filha. Ele respondeu afirmativamente ao pedido anterior de Rute e formalmente autorizou Rute a ficar em seu campo e a rebuscar onde quisesse.

Na primeira proibição (Não vá rebuscar em nenhum outro campo), Boaz insistiu que Rute ficasse ali em seu campo e a instruiu para ficar com suas servas. Os homens e as mulheres desempenhavam papéis diferentes durante a ceifa. Os homens faziam a ceifa real, enquanto que as mulheres seguiam atrás, coletando e amarrando as pilhas das espigas cortadas.

Esta instrução dada, efetivamente colocou Rute sob a proteção de Boaz.

**9 Estarás atenta ao campo que segarem e irás após elas. Não dei ordem aos servos, que te não toquem? Quando tiveres sede, vai às vasilhas e bebe do que os servos tiraram.**

As próximas palavras de Boaz fazem paralelo e amplificam as antecedentes. Conserve seus olhos no campo. Assim Boaz disse a Rute que dirigisse sua atenção ao campo onde seus trabalhadores estavam e ali permanecesse.

Durante a colheita, os homens cortavam as hastes e as punham em montes, enquanto as mulheres amarravam as pilhas em pacotes para transporte ao terreiro da debulha. Ela deveria trabalhar “com”, mas “atrás” delas. Isso parece confirmar a observação anterior sobre o status de Rute; embora não uma empregada formalmente, ela estava “perto” do nível de uma. Evidentemente, esse procedimento traria benefício a Rute de dois modos: primeiro, seria identificada com os trabalhadores de Boaz e assim desviaria abuso em potencial por desordeiros de qualquer espécie; e segundo, provavelmente daria a Rute melhores resultados em seu rebuscar.

Boaz conclui sua resposta como ele a começou, com uma pergunta: **Não dei ordem aos servos, que te não toquem?** Garantindo assim não só o seu trabalho, como a sua permanência. Especificamente, Boaz emitira a ordem que não lhe ponham a mão. Rute requisitara algo a mais que o normal e os ceifeiros poderiam usar a força para impor limites. Por isso, para evitar tais incidentes que

potencialmente seriam feios, Boaz informaria seus trabalhadores da liberdade concedida a Rute e mandaria que suspendessem a proteção costumeira [do produto]. Finalmente, tendo concedido o pedido de Rute, Boaz acrescentou mais uma instrução. Quando tivesse sede, poderia beber da água que seus funcionários bebiam, o que iria beneficiar grandemente a produtividade de Rute; ela poderia continuar a rebuscar com eficiência máxima sem perder tempo valioso tirando sua própria água. O detalhe interessante era que normalmente: uma mulher estrangeira que tiraria água para israelitas.

### **10 Então, ela, inclinando-se, rosto em terra, lhe disse: Como é que me favoreces e fazes caso de mim, sendo eu estrangeira?**

10 A resposta de Boaz aparentemente foi surpresa para Rute. Ela comunicou o espanto inclinando-se, no gesto oriental típico de submissão humilde diante de um superior. Como Abigail faria mais tarde diante de Davi (ISm 25.23), Rute caiu com o rosto em terra curvando-se até o chão. Para ser específico, ela provavelmente caiu de joelhos primeiro e depois curvou-se até sua testa tocar o chão.<sup>50</sup> O simbolismo era gráfico: sua prostração vulnerável física expressava tanto a distância social entre eles como sua gratidão pela bondade de Boaz. Nesta posição, Rute fez a exata pergunta que preocupa o auditório que está igualmente surpreso: Por que achei tão grande favor a seus olhos? A partícula interrogativa inicial *maddüa* (“Por quê?”) diferiu de seu contraponto *lãmmâ/lãmâ* este último introduzia perguntas de repreensão; o primeiro buscava informação.<sup>51</sup> Por isso, Rute realmente perguntava pelos motivos de Boaz. As palavras dela soam conhecidas, portanto; pois ela repetiu o idiomatismo *mãsã’ hên be’ênayim* de sua declaração introdutória (ver v.2). Para o auditório que, diferente de Boaz, ouviu aquelas palavras anteriores, o que subentendiam era óbvio: “Encontrei a pessoa que eu procurava - e ele supera minhas expectativas!”<sup>52</sup> Eles podem já suspeitar que aquele “favor”, no final das contas, há de superar às expectativas de todos!

Num trocadilho de três palavras, Rute especificou o resultado surpreendente daquele favor.<sup>53</sup> A primeira palavra, um infinitivo *Hifil* (que

o senhor me dá atenção especial) é derivada da raiz *nkr* (“reconhecer [alguém conhecido antes; cf. 3.14], prestar atenção a”)<sup>54</sup> Visto que a palavra normalmente presumia ver com os olhos, seu sentido poderá ser parafraseado: “dar(-me) mais de uma olhada de passagem, desta- car(-me)”. Deixava subentendido o reconhecimento e atenção dados, não a uma pessoa estranha, mas a alguém de quem se tem conhecimento prévio - o que explica a surpresa de Rute. Só se “reconhece” o “conhecido” (sobre o qual ver adiante). Em resumo, ela disse: “Você me tratou como se já me conhecesse antes”. O que intensificava a surpresa, no entanto, foi o reconhecimento mesmo sendo eu uma estrangeira. A estrutura disjuntiva da sentença (*we’ânōkí nokrîyâ*) introduz uma cláusula concessiva. Ouça a aliteração dupla entre os sons *-riök-lnok-* e *-í*.<sup>55</sup> Mais importante, observe o sentido justaposto, retumbante de *nkr* no *Hifil* (prestar atenção) e *nokrîyâ* (estrangeiro). No AT, este último era, antes de tudo, um termo étnico que designava alguma pessoa de outro povo, alguém de fora do círculo da própria família daquele indivíduo.<sup>56</sup> Por exemplo, a palavra é usada com respeito a Itai o geteu (2Sm 15.19); à cidade dos jebuseus, Jerusalém (Jz 19.[10 e] 12); às esposas de Salomão (IRs 11.1,8); e às esposas pós-exílicas dos israelitas (Ed 10.2,10; Ne 13.26,27; etc.). Em alguns lugares, porém, o termo se referia a alguém que não pertencia mais ao círculo da família ou clã (Gn 31.15; Êx 21.8; SI 69.9 [port. 8]; Jó 19.15). O *nokrî* tinha um status social inferior *mgêr* (“estrangeiro residente”); cf. *gúr*, Rute 1.1). Como o primeiro citado não pertencia ao povo de Yahweh (Dt 14.21), não gozava de nenhum dos privilégios pactuais. Podia ser cobrado dele juros por empréstimos (23.21) e ser forçado a pagar dívidas, mesmo no “ano da remissão” (15.3). Além disso, contato entre ele e os israelitas era evitado (Jz 19.12; cf. Dt 14.21), provavelmente para minimizar a influência de suas práticas religiosas (IRs 11.1,7,8; Ed 10; Ne 13.23,26,27).

Saber se tanto o verbo como o adjetivo são derivados do mesmo radical é questão em disputa.<sup>57</sup> Em qualquer caso, o trocadilho pode ser traduzido: “Você notou o não-notado”<sup>58</sup> ou “reconheceu o não-reconhecido”. A afirmação delatava o sentimento forte que Rute possuía de sua vulnerabilidade como não-israelita. Sua sobrevivência dependia totalmente da boa vontade dos fazendeiros israelitas. Ao mesmo tempo, dava a entender sua percepção de alguma espécie de aceitação no clã de Boaz, talvez até em sua família.<sup>59</sup> Ela não era família, mas Boaz a tinha tratado como se fosse. Embora tal tratamento chegou como um choque, fazia vibrar os primeiros acordes sonoros de um novo tema - a integração de Rute na nação de Israel. Boaz havia inesperadamente recebido esta estrangeira através de associação com seus trabalhadores. Ainda se aguarda ver como os eventos subseqüentes desenvolveriam este tema.

**11 Respondeu Boaz e lhe disse: Bem me contaram tudo quanto fizeste a tua sogra, depois da morte de teu marido, e como deixaste a teu pai, e a tua mãe, e a terra onde nasceste e vieste para um povo que dantes não conhecias.**

11 Boaz respondeu à pergunta de Rute, mas só indiretamente. Ele fez alusão a uma informação anterior recebida de fonte anônima {De fato, eu soube}.<sup>61</sup> Assim, ele conhecia Rute pela fama, não por tê-la visto. Evidentemente, ela se tomara assunto de conversa, embora o narrador tenha deixado de dizer as circunstâncias precisas. Será que Boaz tinha estado de olho para ver Rute desde que ouviu falar dela? Será que a curiosidade (em parte) motivou a visita de hoje ao campo? Será que o prazer em conhecer a pessoa por trás da fama despertou a generosidade (vs.8,9)? Qualquer que tenha sido o caso, ele tinha ouvido falar sobre tudo que você fez por sua sogra. A expressão idiomática “você fez por” *Çãáít ’et*, lit. “você fez com”) corresponde ao idioma-tismo em 1.8 e 2.19 *Cãsâ ’im*).<sup>62</sup> É óbvio que a lealdade familiar de Rute para com Noemi impressionara Boaz. A estipulação cronológica {depois da morte de seu esposo) esclarece que Boaz se referia a eventos subseqüentes a 1.5. Com alusão tão hábil, o narrador lembrava a seu auditório - preocupado com as implicações dessa conversa - os eventos do cap. 1. Assim, ele literalmente ligava o passado ao presente e, com isso, dava a entender que as ações de Boaz constituíam algum tipo de recompensa. O bem com o bem se paga.

Além disso, Boaz se explicou (especificamente) resumindo o cap.

1 em duas frases. Primeiro, indicou o que Rute deixou para trás (raiz ‘zb) não a sogra suplicante, Noemi (cf. 'āzab, 1.16), mas seu pai e mãe. A expressão 'āzab 'āb we'ēm (“deixar pai e mãe”) ocorre apenas aqui e no bem conhecido texto de casamento (Gn 2.24). Na superfície, isso louvava o sacrifício que Rute fez de seu círculo familiar mais querido, mais próximo (cf. le bêfimmāh, 1.8; cf. também 1.14). À luz de Gênesis 2.24, contudo, será que isso sugere que sua migração poderia de alguma forma envolver casamento? Ela também desistiu de sua terra natal ('eres mōladtêk, lit “o país de seus parentes”).<sup>63</sup> Este termo geográfico ocorre seis outras vezes no AT (Gn 11.28; 24.7; 31.13; Jr 22.10; 46.16; Ez 23.15) e denota a terra em que seu clã habitava. Assim, significava o lugar de fortes elos familiares, o lugar onde a pessoa sente que pertence. Sair dele era sofrer o forte desarraigamento do exílio (Jr 22.10; cf. 'āzab'eres, 2Rs 8.16; Jr 9.18). Mais importante, o termo lembrava a migração dos ancestrais patriarcais de Israel. Duas vezes o AT o aplicou a Abraão (Gn 11.18; 24.7), uma vez a Jacó (31.13). Como eles, Rute abandonara a segurança de seu solo nativo e escolhera uma vida sem raízes. Vale notar aqui que Boaz mais tarde chamou esse ato de hesed (3.10).

Segundo Boaz, Rute não só deixou suas raízes, como veio a um povo com quem você havia tido poucas transações antes. O verbo veio não é o esperado bō', mas sim hālak (com o mesmo sentido, 2Sm 13.34; 1Rs 13.15; Is 60.14; Jr 36.14; cf. bā't no v.12 da página ao lado). A expressão idiomática um povo com quem você havia tido poucas transações (lit. “um povo que você não conhecia”) é expressão comum.<sup>64</sup> Aqui povo não é o termo mais genérico gōy, e sim 'am, uma palavra com

conotações factuais em outros lugares e provavelmente aqui (ver v. 12). A palavra antes traduz outra frase adverbial comum *Otemôl silSôm*, lit. “ontem há três dias atrás”).<sup>65</sup> Portanto, o conhecimento que Rute tinha era recente e mínimo. Tendo em vista o quanto Israel e Moabe eram próximos um do outro, ela sem dúvida conhecia algo sobre Israel; afinal de contas, havia se casado com um israelita, que provavelmente lhe ensinou muito sobre seu povo. Mas o ponto era que, a despeito desse conhecimento, Israel ainda lhe era um povo estrangeiro, cujos modos Rute ainda não aprendera plenamente. Em comparação com os costumes culturais confortáveis de Moabe, Israel era estranho, desconhecido, ameaçador. Resumindo, a bondade de Boaz para com Rute simplesmente retribuía a dela para com Noemi.<sup>66</sup> Ele era, realmente, um filho verdadeiro de Israel: tratava estrangeiros bondosamente porque o próprio Israel conhecera a vida de estrangeiros no Egito. Mais do que simples descrições de atos passados de Rute, porém, suas palavras recordaram a antiga migração de Abrão e Sara (Gn 12.1-5).<sup>67</sup> Eles também deixaram raízes familiares por uma terra desconhecida. Se o narrador fez soar este eco, então ele via Rute numa luz semelhante àquela em que Israel via Abrão e Sara.<sup>68</sup> Ele deixava implícito uma continuidade entre eles, como se esta estrangeira pudesse emergir como algum tipo de matriarca em Israel num patamar com Sara.

**12 O SENHOR retribua o teu feito, e seja cumprida a tua recompensa do SENHOR, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio.**

**13 Disse ela: Tu me favoreces muito, senhor meu, pois me consolaste e falaste ao coração de tua serva, não sendo eu nem ainda como uma das tuas servas.**

**14 À hora de comer, Boaz lhe disse: Ache-te para aqui, e come do pão, e molha no vinho o teu bocado. Ela se assentou ao lado dos segadores, e ele lhe deu grãos tostados de cereais; ela comeu e se fartou, e ainda lhe sobejou.**

**15 Levantando-se ela para rebuscar, Boaz deu ordem aos seus servos, dizendo: Até entre as gavelas deixai-a colher e não a censureis.**

**16 Tirai também dos molhos algumas espigas, e deixai-as, para que as apanhe, e não a repreendais.**

**17 Esteve ela apanhando naquele campo até à tarde; debulhou o que apanhara, e foi quase um efa de cevada.**

**18 Tomou-o e veio à cidade; e viu sua sogra o que havia apanhado; também o que lhe sobejara depois de fartar-se tirou e deu a sua sogra.**

**19 Então, lhe disse a sogra: Onde colheste hoje? Onde trabalhaste? Bendito seja aquele que te acolheu favoravelmente! E Rute contou a sua sogra onde havia trabalhado e disse: O nome do senhor, em cujo campo trabalhei, é Boaz.**

**20 Então, Noemi disse a sua nora: Bendito seja ele do SENHOR, que ainda não tem deixado a sua benevolência nem para com os vivos nem para com os mortos. Disse-lhe mais Noemi: Esse homem é nosso parente chegado e um dentre os nossos resgatadores.**

**21 Continuou Rute, a moabita: Também ainda me disse: Com os meus servos ficarás, até que acabem toda a sega que tenho.**

**22 Disse Noemi a sua nora, Rute: Bom será, filha minha, que saias com as servas dele, para que, noutra campo, não te molestem.**

**23 Assim, passou ela à companhia das servas de Boaz, para colher, até que a sega da cevada e do trigo se acabou; e ficou com a sua sogra.**